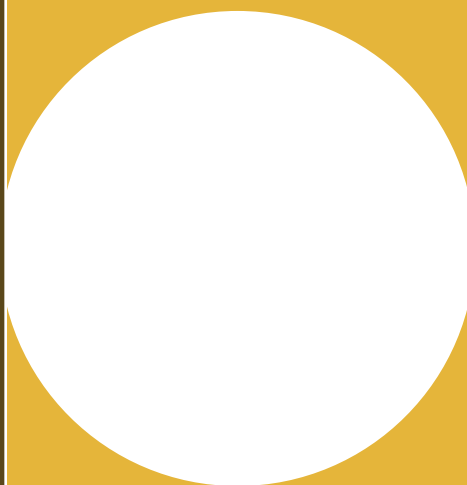


ANO 44-2, 2010

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

revista portuguesa de
pedagogia



Coragem: Um novo tópico da psicologia positiva

José H. Barros-Oliveira¹

A sorte ajuda os corajosos (Cícero).

A verdadeira coragem é a prudência (Eurípedes).

A cobardia é o medo consentido; a coragem é o medo vencido (Legouvé).

Valeu a pena? Tudo vale a pena se a alma não é pequena (F. Pessoa).

A Coragem é um construto que deve ser incluído dentro da Psicologia Positiva. Depois de aludir a alguma bibliografia, dá-se conta de um trabalho de campo com uma amostra total de 427 sujeitos (162 jovens, 150 adultos, 115 idosos). Através da análise de conteúdo foi possível identificar algumas categorias e subcategorias sobre as três questões formuladas: conceito de coragem, atitudes/acções corajosas, razões de falta de coragem. Dá-se conta ainda do resultado de três perguntas fechadas inquirindo sobre quem é mais corajoso: o homem ou a mulher; os jovens, os adultos ou os idosos; as pessoas religiosas ou não religiosas. As respostas não são muito concludentes quanto ao sexo e à idade, mas consideram as pessoas religiosas mais corajosas. Conclui-se desejando uma maior educação/promoção deste valor/virtude, importante a nível pessoal e comunitário.

PALAVRAS-CHAVE: *Coragem; Psicologia Positiva; Análise de Conteúdo*

A Coragem é um construto (Barros, 2009, 2010) que reputamos do maior interesse, no âmbito da Psicologia Positiva. O contributo deste artigo centra-se numa análise de conteúdo a partir de um questionário passado a um grupo de jovens, adultos e idosos. Antes de apresentar os resultados, fazemos algumas considerações sobre o que se entende por coragem e conceitos afins.

Etimologicamente, o vocábulo “coragem” provém certamente do baixo latim *coraticum* donde derivou o provençal *coratge* e o francês *courage*. Tem na sua raiz *cor* (coração) estando a indicar que a verdadeira coragem arranca das forças

¹ Faculdade de Psicologia e de C. E. da Universidade do Porto

mais íntimas e profundas da pessoa. O latim clássico usava *fortitudo (animi)* que indica antes de mais a força (*fortis*) física mas também a força mental e espiritual, a audácia ou ousadia.

A coragem pode ser chamada um “valor”, uma “virtude”, uma “paixão”, uma “emoção”, um “desejo”, ou ainda uma “atitude”, um “sentimento”. Este tópico está próximo de outros conceitos, como bravura ou *fortaleza* de espírito que, em linguagem escolástica, é considerada uma das quatro virtudes “cardeais” (do latim *cardo*, significando “gonzo”), juntamente com a prudência, a justiça e a temperança. O contrário da fortaleza seria a cobardia.

A relação da coragem com a prudência é de certo modo ambivalente, pois a coragem não pode prescindir de uma certa prudência, que evita, por exemplo, a temeridade; mas se a prudência domina, pode condicionar a coragem. Escreve Comte-Sponville (2006, p. 75): “Sem a prudência, as outras virtudes seriam cegas ou loucas; mas sem a coragem seriam vãs ou pusilânimes”. O mesmo se diga em relação com a perseverança: a coragem exige muitas vezes constância mas pode tornar-se teimosia se a acção em si não é tão importante.

Podia também aproximar-se a coragem da *esperança*, considerando-a uma “esperança radical”, segundo título de um livro de J. Lear (2006). É susceptível ainda a coragem de ser comparada com o *heroísmo*, coragem levada ao extremo, ou acções postas para ajudar outros, apesar de, com este auxílio, poder correr risco de vida (cf. Becker e Eagly, 2004; Eagly e Becker, 2005; Martens, 2005). Uma das formas de heroísmo, do ponto de vista religioso, é o martírio ou a coragem de preferir morrer a atraícoar a sua fé.

Pode a coragem também relacionar-se com o *autocontrolo*. Um capítulo do livro editado por Lopez (2008). da autoria de Sparks e Baumeister (2008) sobre as forças humanas e em particular sobre o autocontrolo, faz referência às seis virtudes fundamentais, segundo Peterson e Seligman (2004), uma das quais é a coragem, juntamente com a sabedoria e conhecimento, humanidade, justiça, temperança, transcendência.

É reconhecida mundialmente a coragem como uma virtude ou um grande valor, ajudando as pessoas a confrontar-se com os desafios da vida. A pessoa verdadeiramente corajosa (pode haver uma “má” coragem, por exemplo a dos fanáticos ou dos terroristas) é altruísta, disposta até a dar a vida pelos outros. Mesmo tratando-se de uma “boa” coragem, há uma grande variedade e graduação, sendo diferente, por exemplo, a coragem de praticar desportos radicais (pode tratar-se mais de temeridade), a coragem de assumir um erro ou uma derrota, a coragem de suportar a tortura ou a morte, em nome da verdade.

Já os filósofos antigos se referiram à coragem. Pergunta Sócrates, nos Diálogos de Platão: - “Diz-me, se podes, o que é a coragem” (in Snyder e Lopez, 2007, p. 221). Platão analisa a coragem mental dos seus mentores, enquanto Aristóteles, particularmente na *Ética a Nicómaco*, se centra na coragem física do seu “bravo soldado” (in Snyder e Lopez, 2007, p. 225). Os escolásticos, na Idade Média, também estudaram esta “virtude”; por exemplo S. Tomás de Aquino na *Summa Theologiae*, em particular falando da virtude cardeal da fortaleza. Já na idade moderna, pós-renascença, outros autores tentaram interpretar a coragem, como Descartes, no *Tratado das Paixões*.

Todavia, só a partir das últimas décadas do século passado, e já no século XXI, é que os estudiosos, e em particular os psicólogos, se interessaram por este tópico, insistindo uns mais na dimensão física da coragem e outros na dimensão moral. De facto, as dificuldades começam logo na tentativa de definir este construto. Snyder e Lopez (2007), que foram dos primeiros autores a estudar a coragem, em perspectiva psicológica, apresentam um quadro com 18 definições de outros tantos autores (pp. 222-223).

No sentido de compreender melhor o que o povo comum ou os “leigos” pensam acerca da coragem (teorias implícitas), O’Byrne, Lopez e Peterson (2000) interrogaram 97 pessoas, encontrando diferenças significativas. Os autores citam algumas respostas que Snyder e Lopez (2007) recolhem num quadro (p. 224) e comentam: “Há quem percepcione a coragem como uma atitude (por ex. optimismo), enquanto outros a vêem como um comportamento (por exemplo, salvar a vida de alguém); alguns pensam que a coragem envolve assumir um risco, enquanto outros acentuam o papel do medo. Mas nem a componente “risco” nem a componente “medo” está presente em todas as descrições” (p. 223).

Peterson e Seligman (2004) interpretam a coragem como um núcleo forte de virtudes humanas que inclui: *valor* (em face do perigo), *autenticidade* (sinceridade), *entusiasmo/gosto de viver* (em situações desafiantes) e *esforço/perseverança* (levar as tarefas e desafios até ao fim). O’Byrne et al. (2000) referem-se a três tipos de coragem: física, moral e vital (referente à saúde): a coragem *física* diz respeito à luta por objectivos nobres (por exemplo, os bombeiros salvarem uma criança de perecer no fogo); a coragem *moral* refere-se a comportamentos de grande frontalidade, mesmo que isso tenha custos (por exemplo, um político que diz a verdade podendo perder com isso votos); coragem *vital* é a capacidade de confrontar-se com uma doença grave mesmo se os resultados são incertos (por exemplo uma criança com um transplante cardíaco que mantém o tratamento apesar do prognóstico reservado).

Há ainda quem fale de outros tipos de coragem. Putman (1997) refere-se à coragem *psicológica* que se poderia incluir na coragem vital, mas dizendo respeito mais à capacidade de lutar contra o stresse, a depressão, o abatimento e todos os sentimentos negativos que atentam contra a alegria e a paz interior. Osho (2004) fala da coragem como “alegria de viver perigosamente”. Existe ainda uma espécie de coragem “pedagógica” que consistiria na “coragem dos começos” (Meirieu, 1996). Sem embargo, trata-se um construto tendencialmente unifactorial que tem a ver com a capacidade de ultrapassar o *medo*, de enfrentar o *risco*, uma vez identificada a ameaça, em vista de um bem maior. De facto, falar de coragem é falar do medo a ser superado. Rachman (1984), na sequência de outros estudos realizados anteriormente, foi quem melhor estudou esta relação. Segundo este autor, a verdadeira coragem é capaz de superar situações difíceis, apesar da presença do medo subjectivo que, entretanto, se vai diluindo, como no caso dos paraquedistas que inicialmente saltam com medo, mas depois o vão superando progressivamente. Segundo Comte-Sponville (2006, p. 77), “a coragem não é a ausência de medo, mas a capacidade de o afrontar, de o dominar, de o ultrapassar, o que supõe que o medo existe ou deveria existir”.

Método

Participantes

Foram usadas 3 amostras não probabilísticas mas por conveniência: uma de jovens com 162 alunos do 11º e 12º anos do ensino secundário (média de idade: 17,4 anos; desvio padrão: 1,3 – rapazes: 81; raparigas: 81) de um colégio particular de V. N. de Gaia; outra de 150 adultos (M: 39,4; D.P.: 9,1; H=74; M=76) que frequentavam diversos Centros de Novas Oportunidades em Gaia e Espinho; outra de 115 idosos (M: 77,2; D.P.: 7,0; H=56; M=59) de diversos Centros de Dia do distrito do Porto. Os 3 grupos perfazem um total de 427 sujeitos. Quanto à escolaridade, o grupo de jovens frequentava o 11º ou 12º ano de escolaridade; no grupo de adultos, 30 tinham apenas a 4ª classe antiga (4º ano), 87 até ao 9º ano e 33 até ao 12º; no grupo de idosos, 95 não tinham ou tinham apenas a 4ª classe, 7 até ao 9º ano e 13 até ao 12º (omitimos as percentagens para não sobrecarregar).

Instrumentos

A todos os sujeitos era inquirida a idade, o sexo, a escolaridade e o concelho de residência. Seguiu-se um breve questionário apenas com 3 perguntas abertas, duas das quais em estilo semi-projectivo:

Para mim ser corajoso é

Indique alguma atitude ou acção que considera muito corajosa.

Existem poucas pessoas verdadeiramente corajosas porque...

Os sujeitos respondiam em duas ou três linhas que lhes estavam reservadas. Para além destas perguntas em aberto, eram ainda solicitados a responder a 3 perguntas fechadas, traçando uma cruz na modalidade que julgassem mais certa:

São mais corajosos: os homens / as mulheres

São mais corajosos: os jovens / os adultos / os idosos

São mais corajosos: as pessoas religiosas / as pessoas não religiosas.

Procedimento

No início era apresentado o questionário, o objectivo que se pretendia, e solicitada a motivação para responder. Os questionários aos jovens e aos adultos foram passados no início de uma aula; quanto aos idosos, preenchiem-nos no respectivo Centro de Dia, com a ajuda de quem estava encarregado de os passar, prévio treino para assegurar o mais possível a uniformidade.

Muitos, particularmente entre os idosos, mas também entre os adultos e alguns jovens, deixaram uma ou duas perguntas em branco (dizendo que não sabiam) ou responderam apenas com uma ou duas palavras ou então repetindo o mesmo na 1ª e na 2ª pergunta e às vezes na 3ª (neste caso, só consideramos uma resposta). Algumas respostas hilariantes, mormente na amostra de jovens, também não foram consideradas. Por isso é que a soma das respostas, na análise de conteúdo, é bastante irregular. Diga-se ainda que não se teve em conta, nesta análise qualitativa, a variável sexo, embora seja fácil identificar respostas masculinas (v. g. aturar a mulher) ou femininas (aturar os homens).

A análise de conteúdo foi feita segundo indicações dos autores de metodologia qualitativa, particularmente Bardin (1995). Inicialmente foram lidos, com atenção “flutuante”, vários protocolos tentando identificar algumas categorias principais. Seguiu-se uma análise mais apurada anotando todas as respostas e procurando agrupá-las por categorias e subcategorias, segundo os diversos denominadores comuns.

Resultados (das três perguntas em aberto)

Amostra dos jovens

Definição de coragem

Na definição de coragem, surgiu uma primeira grande categoria que salta à vista e que pode resumir-se no verbo “enfrentar”, presente dezenas de vezes, com diversas matizes ou expressões, permitindo identificar várias subcategorias: Enfrentar (superar, liberta-se de) os medos (31 vezes), enfrentar as consequências dos nossos actos (8 v.), agir sem medo das consequências, embora consciente delas (9 v.), enfrentar (superar) situações (problemas, dificuldades, obstáculos, barreiras) difíceis (18 v.), enfrentar situações complicadas de cabeça erguida (9 v.), enfrentar tudo e todos (3 v.), enfrentar o dia-a-dia, enfrentar a vida (como se apresenta) (5 v.), enfrentar a vida com optimismo, ser forte, não ter medo de nada (3 v.), não ter medo da verdade – ser verdadeiro (5 v.).

Outro verbo frequentemente conjugado é “lutar” e ainda “persistir”, o que pode denunciar uma nova categoria: vontade de lutar contra todos os obstáculos (3 v.), lutar por conseguir o que a maior parte não consegue (3 v.). lutar até atingir os seus objectivos (2 v.), lutar pela justiça (2 v.), persistir em fazer algo de que não se gosta, não hesitar em fazer o dever (3 v.).

Uma nova categoria poderia identificar-se com “fazer o que outros não fazem”, isto é, destacar-se do comum das pessoas, também com variações diferentes: Fazer coisas que ninguém faria (2 vezes), fazer algo que a maioria das pessoas não faz (4 v.), ser sempre fiel aos seus princípios, mesmo que isso custe (3 v.), ser igual a si mesmo em tudo, remar contra a maré, agir contra a corrente social (5 v.), ser igual a si mesmo em tudo.

Outras definições de coragem menos frequentes: Saber arriscar (6 v.), seguir a consciência (4 v.), ajudar alguém, ter a atitude certa no momento certo, não temer o desconhecido.

Atitudes/acções corajosas

Na identificação de alguma atitude/acção corajosa, a categoria mais realçada foi “arriscar ou dar a vida por outrem”: Salvar alguém pondo em risco a própria vida (28 vezes), dar a vida por alguém (8 v.), doar um órgão a alguém (3 v.), num acidente ir logo ajudar (3 v.).

Outra categoria podia resumir-se em “responsabilizar-se”: Assumir responsabilidade pelos seus actos (6 v.), admitir (assumir) os próprios erros/culpas (10 v.).

Nova categoria poderia resumir-se na “defesa dos mais fracos”: Dar a mão a quem mais precisa (8 vezes), defender alguém que está a ser atacado, defender alguém, mesmo um desconhecido, ficar ao lado de alguém quando outros o abandonam (3 v.), estar mal financeiramente e ainda assim ajudar outros.

Uma outra categoria diz respeito à “frontalidade”: Dizer o que se pensa, ser frontal (15 v.)

Outros gestos corajosos apontados: Lutar contra os corruptos, ir para a guerra, pedir perdão (5 v.), remar contra a corrente (6 v.), auto-aceitação (5 v.), fazer voluntariado, viajar sem destino, estudar tantos anos para o desemprego, enfrentar um touro na arena. São nomeadas ainda algumas profissões consideradas mais corajosas: enfermeiro, professor, bombeiro, paraquedista.

Razões por que há poucas pessoas corajosas

Uma primeira categoria que sobressai é o “egoísmo”, sob diversas formas: O ser humano é egoísta por natureza, pensa só em si (21 vezes).

Outra grande categoria consiste nos diversos “medos” que podem formar outras tantas subcategorias: Medo de assumir as consequências negativas dos seus actos (20 v.), medo de não conseguir o que se pretende (8 v.), medo de falhar (5 v.), medo dos perigos/problemas (8 v.), medo de arriscar (3 v.), medo de rejeição (2 v.).

Uma nova categoria diz respeito à “apatia, cobardia, caminho fácil”: Apatia, pois quer-se tudo de “mão beijada” (5 v.), domina a cobardia (3 v.), não se assumem os erros (5 v.), não se gosta de correr riscos, opta-se pelo caminho mais fácil (12 v.). Outras razões invocadas são a “falta” de alguma coisa importante: Falta de personalidade (7 v.), falta de solidariedade, falta de fé (3 v.), falta de segurança (2 v.).

Amostra dos adultos

Definição

Como na amostra dos jovens, uma primeira grande categoria se pode identificar no verbo “enfrentar”, presente dezenas de vezes, com diversos matizes ou expressões, permitindo distinguir várias subcategorias: Enfrentar (superar, encarar) os medos (18 vezes), não ter medo de arriscar (12 v.), enfrentar as consequências dos nossos

actos (6 v.), enfrentar situações (problemas, dificuldades, obstáculos, realidade, adversidades, barreiras) (11 v.), enfrentar tudo e todos (5 v.), enfrentar o dia-a-dia, enfrentar a vida (como se apresenta) (7 v.), enfrentar (olhar) o futuro com optimismo (5 v.), não temer a verdade (6 v.).

Outro verbo bastante usado é “persistir”, “lutar”, que pode denunciar nova categoria: Persistir numa decisão custosa (4 vezes), persistir em fazer algo de que não se gosta (5 v.), lutar por conseguir o que se pretende ou os objectivos (6 v.),

Nova categoria podia resumir-se ao verbo “decidir”: Tomar decisões difíceis (5), assumir as próprias decisões (3 v.), capacidade de decidir rapidamente (3 v.).

Outra categoria resume-se ao “perdão”, quer activamente considerado: perdoar (5 v.), quer passivamente: ser perdoado (3 v.).

Outras definições de coragem: Não perder a esperança (3 v.), mostrar personalidade (2), ser solidário sem pretender nada em troca, assumir tudo com naturalidade, mesmo os fracassos, acordar diariamente com vontade de viver, sorrir e lutar contra as adversidades, ser igual a si mesmo, ser humilde e sincero, ser responsável, olhar o futuro com optimismo.

Atitudes/acções corajosas

A resposta mais repetida ou a categoria mais realçada como corajosa identifica-se com o verbo “salvar a vida”: Salvar a vida de alguém, mesmo à custa da sua (19 v.), dar a vida por alguém (8 v.), ajudar logo num acidente (4 v.).

Uma acção corajosa muito própria desta idade e de algum modo insistente: “ser mãe” (5 v.) (“ser pai” apenas foi verbalizada 1 vez).

Outra categoria pode resumir-se em “responsabilidade”: Assumir a responsabilidade pelos seus actos em todas as circunstâncias (8 v.), assumir os erros/culpas (6 v.), não fugir aos compromissos (4 v.).

De resto, muitos actos corajosos (particularmente vencer os medos, lutar, saber perdoar) já foram apontados como definições de coragem. Outras atitudes corajosas descritas de um modo bastante disperso, tornando difícil agrupá-las em categorias, embora algumas estejam mais próximas entre si: Enfrentar uma doença grave (8 v.), largar o Vício (da droga, do álcool, etc.) (7 v.), lutar pela liberdade (4 v.), denunciar a corrupção, dizer a verdade (4 v.), ajudar amigos em dificuldade, perder ou aceitar a morte de um ente querido, remar contra a corrente, admitir a própria culpa, dar sangue, exercer o voluntariado, defender alguém que esteja a ser atacado, conduzir um veículo com calma, viver a vida de cara levantada, sorrir todos os dias, exercer determinadas profissões (bombeiro, médico, piloto, missionário, militar, toureiro) (12 v.)

Razões por que há poucas pessoas corajosas

A categoria mais apontada é o “medo” sob diversas subcategorias: Medo de errar (12 v.), medo das consequências dos seus actos (10 v.), medo das opiniões contrárias (6 v.), medo de não atingir o que se pretende (5 v.), medo de arriscar (5 v.), medo do futuro (3 v.).

Uma segunda categoria identifica-se com o “egoísmo”, sob diversas formas (17 v.). Nova categoria podia ser a “falta” de alguma coisa importante: Falta de personalidade (7 v.), falta de fé (4 v.), falta de convicções (2 v.), falta de autoconfiança (2 v.), falta de projectos pessoais (2 v.).

Outras respostas dispersam-se por vários itens: Ter vergonha/respeito humano (5 v.), mundo de falsidades (4 v.), comodismo (4 v.), maus exemplos dos outros.

Amostra dos idosos

Definição

Como nas amostras de jovens e adultos, é possível identificar uma primeira categoria no verbo “enfrentar”: Enfrentar a vida como ela se nos depara (7 vezes), não ter medo de encarar o futuro (6 v.), assumir as consequências dos nossos actos (4 v.), ter optimismo no futuro (2 v.).

Outros verbos usados, como “lutar”, “não desistir”, podem agregar nova categoria: Dar luta à vida (3 v.), não desanimar (2 v.), seguir em frente, ser forte interiormente, ter fortaleza para lutar, ser pessoa decidida.

Outra categoria resume-se em aceitar a “morte”: Não ter medo de morrer (6 v.), aceitar uma doença grave que pode levar à morte (4 v.), aceitar a morte dos entes queridos (3 v.).

Outras definições de coragem: Dizer sempre a verdade, mesmo que custe (3 v.), querer viver até aos 100 anos, suportar os malvados, saber lidar com as dificuldades, fazer aquilo em que se acredita, aconselhar bem os outros, saber dar e receber.

Atitudes/acções corajosas

A categoria mais realçada identifica-se com a “vida”: Estar disposto a salvar a vida de alguém, mesmo à custa da sua (7 v.), enfrentar todos os problemas da vida (3 v.).

Outra categoria relaciona-se com a “morte”: Não ter medo da própria morte (6 v.), aceitar a morte de algum familiar (3 v.), suportar com coragem o luto (2 v.), não desanimar numa doença grave (2 v.).

Uma nova categoria anda à volta da “família” e da “educação”: Ajudar a família, sobretudo os filhos (5 v.), aceitar os filhos e os netos (4 v.), ajudar na educação dos netos (3 v.), levar pancada do marido (2 v.), passar fome para dar aos filhos e à mulher. Outras atitudes corajosas: Estar ao lado dos mais fracos (3 v.), vir viver para um Lar (3 v.), perdoar e não se vingar (3 v.), socorrer alguém, enfrentar um ladrão, pedir dinheiro emprestado, pedir esmola por necessidade, procurar emprego noutra país.

Razões por que há poucas pessoas corajosas

A categoria mais apontada é o “medo” sob diversas subcategorias: Medo das consequências dos seus actos (7 v.), medo do que os outros possam pensar (4 v.), medo de não conseguir o que se quer (2 v.), medo do futuro.

Uma segunda categoria identifica-se com o “egoísmo”: Cada um pensa só em si (8 v.).

Nova categoria prende-se com os “valores”: Os novos parece que não têm valores (5 v.), no meu tempo havia mais respeito (4 v.), há muita falta de fé (3 v.).

Outras respostas: Falta de calma (3 v.), comodismo (3 v.), maus exemplos (2 v.), vergonha e respeito humano (2 v.).

(Nesta análise de conteúdo não foi tido em consideração o sexo, supondo-se que as diferenças não seriam significativas entre homens e mulheres quanto ao conceito, atitudes e razões para ter ou não paciência).

Discussão

Quanto à 1ª pergunta, não se assiste a grandes diferenças entre os três grupos etários na tentativa de definir em que consiste a coragem, sendo os verbos mais usados “enfrentar”, “lutar”, “persistir” ou “não desistir”, “decidir”, pensando a coragem quer como uma atitude quer como um comportamento, na linha do encontrado por O’Byrne, Lopez e Peterson (2000). Os adultos consideram também corajoso o perdão ou a capacidade em perdoar, enquanto os idosos pensam que aceitar a morte ou não ter medo de morrer também é uma manifestação de coragem.

No que tange à 2ª pergunta, também não se assiste a grandes diferenças nos três grupos, todos considerando o “arriscar a vida” para salvar alguém como um acto supremo de coragem, seguindo-se a responsabilidade pelos outros, a defesa dos mais fracos, insistindo os jovens na frontalidade, enquanto os adultos consideram também um acto de coragem ser mãe/pai; para os idosos é novamente um acto de

coragem enfrentar serenamente a morte e ainda ajudar a família particularmente na educação dos mais novos.

Na 3ª pergunta, as razões mais apontadas para um déficit de coragem, por parte dos jovens, foram o egoísmo e os diversos medos e/ou covardia, para além de falta de personalidade, de fé, etc., enquanto os adultos puseram em primeiro lugar o medo, seguindo-se também o egoísmo e a falta de alguma virtude importante; os idosos realçaram outrossim o medo e a falta de valores, como o respeito e a fé. Em geral, estas respostas não estão longe das recolhidas por O'Byrne, Lopez e Peterson (2000) que interrogaram 97 pessoas (cf. Snyder e Lopez, 2007, p. 224).

Resultados (das três perguntas de resposta forçada)

Após as três perguntas abertas, que tentamos sintetizar e interpretar, os participantes eram ainda inquiridos com três perguntas fechadas sobre quem era mais corajoso: os homens ou as mulheres; os jovens, os adultos ou os idosos; as pessoas religiosas ou as não religiosas. Apresentamos a seguir os números das respostas por sexo e em frequências, com as respectivas percentagens (omitimos análise de diferenças estatísticas *Qui Quadrado* por haver células com um número reduzido).

Quadro 1. Resultado das resposta à 1ª questão, nas três amostras, por género

Amostra	Sexo	Homens	Mulheres	Total
<i>Jovens</i>	Masc.	61 (75.3%)	20 (24.7%)	81
	Fem.	38 (46.9%)	43 (53.1%)	81
<i>Adultos</i>	Masc.	51 (68.9%)	23 (31.1%)	74
	Fem.	22 (28.9%)	54 (71.1%)	76
<i>Idosos</i>	Masc.	32 (57.1%)	24 (42.9%)	56
	Fem.	23 (39.0%)	36 (61.0%)	59

Quadro 2. Resultado das resposta à 2ª questão, nas três amostras, por género

Amostra	Sexo	Jovens	Adultos	Idosos	Total
Jovens	Masc.	41 (50.6%)	33 (40.7%)	7 (8.6%)	81
	Fem.	38 (46.9%)	39 (48.1%)	4 (4.9%)	81
Adultos	Masc.	23 (31.1%)	34 (45.9%)	17(23.0%)	74
	Fem.	32 (42.1%)	30 (39.5%)	14(18.4%)	76
Idosos	Masc.	18 (32.1%)	24 (42.9%)	14(25.0%)	56
	Fem.	19 (32.2%)	21 (35,6%)	19(32.2%)	59

Quadro 3. Resultado das resposta à 3ª questão, nas três amostras, por género

Amostra	Sexo	Religiosos	Não Rel.	Total
Jovens	Masc.	43 (53.1%)	38 (46.9%)	81
	Fem.	51 (63.0%)	30 (37.0%)	81
Adultos	Masc.	54 (73.0%)	20 (27.0%)	74
	Fem.	64 (84.2%)	12 (15.8%)	76
Idosos	Masc.	44 (78.6%)	12 (21.4%)	56
	Fem.	47 (79.7%)	12 (20.3%)	59

Quanto à 1ª questão, os *jovens* rapazes consideram os homens muito mais corajosos do que as mulheres (61 vs 20), enquanto as raparigas respondem quase equitativamente (38 vs 43). No grupo de *adultos*, os homens atribuem também significativamente mais coragem ao sexo masculino (51 vs 23), enquanto as mulheres, dizem o contrário (22 vs 54), considerando muito mais corajosas as mulheres. Já no grupo dos *idosos*, os homens consideram ligeiramente o sexo masculino mais corajoso (32 vs 24), enquanto as mulheres pensam que é o sexo feminino o mais corajoso (23 vs 36).

No que concerne à 2ª questão, os *jovens* rapazes pensam que os jovens são mais corajosos do que os adultos e muito mais do que os idosos (respectivamente, 41, 33, 7), observando-se nas raparigas respostas idênticas (respectivamente, 38, 39, 4). No grupo de *adultos*, o número dos homens a considerar mais corajosos os jovens, os adultos ou os idosos é, respectivamente, 23, 34, 17, enquanto as respostas das mulheres é 32, 30, 14. Já no grupo de *idosos*, as frequências são, respectivamente: 18, 24, 14, na respostas dos homens, e 19, 21, 19 na das mulheres. Constata-se assim, nesta 2ª questão, que não há grandes diferenças por género.

Quanto à 3ª questão, se eram a pessoas religiosas ou não religiosas as mais corajosas, os *jovens* rapazes consideram as pessoas religiosas ligeiramente mais corajosas (43 vs 38) enquanto as raparigas afirmam que as pessoas religiosas são sensivelmente mais corajosas (51 vs 30). No grupo de *adultos*, os homens atribuem significativamente mais coragem aos religiosos (54 vs 20), enquanto as mulheres acentuam ainda mais a diferença (64 vs 12). Finalmente no grupo dos *idosos*, a grande tendência a considerar as pessoas religiosas como mais corajosas é quase idêntica nos homens (44 vs 12) e nas mulheres (47 vs 12).

Discussão

São os homens ou as mulheres os mais corajosos? A resposta, no grupo de jovens varia conforme provém dos rapazes, que consideram o sexo masculino muito mais corajoso, ou das raparigas que praticamente não fazem distinção. Significa talvez que nas respostas dos rapazes houve um certo “machismo” ou tendência a supervalorizar-se. Tal tendência também se verifica nas respostas do grupo de adultos, considerando os homens que é de facto o sexo masculino o mais corajoso, enquanto as mulheres pensam exactamente o contrário: que são as mulheres as mais corajosas. Novamente aqui se pode notar a tendência a “puxar a brasa para a sua sardinha” (para o seu género), numa espécie de “desejabilidade sexual”. Entretanto, na amostra dos idosos nota-se um maior equilíbrio nas respostas por género e talvez este grupo esteja mais próximo da realidade, podendo encontrar-se pessoas com grande coragem, quer entre os homens quer entre as mulheres, muito dependendo da idiosincrasia e das circunstâncias. Não encontramos na bibliografia citada suficiente fundamento para uma cabal explicação destes resultados.

Quem são mais corajosos: os jovens, os adultos ou os idosos? As respostas, por género, são quase idênticas na atribuição de maior coragem quer aos jovens quer aos adultos, enquanto ambos os sexos, no grupo dos jovens, dão uma nota muito mais baixa aos idosos, tendência menos acentuada no grupo dos adultos e sobretudo dos idosos. Será realmente que as pessoas de idade são menos corajosas? Tratar-se-á de estereótipos? Não encontramos suficiente apoio na bibliografia para uma melhor interpretação destes resultados.

Finalmente, são as pessoas religiosas mais corajosas do que as não religiosas? Todos os três grupos dizem que sim, notando-se que são sobretudo as mulheres, particularmente no grupo de adultos, mas também no dos jovens, a considerar as pessoas religiosas significativamente mais corajosas do que as não religiosas. Outra vez aqui a escassa bibliografia não permite fundadas ilações, sobretudo interagindo a idade com o sexo, a respeito da variável religião, embora a priori pareça que a religião fortalece mais as pessoas para as lutas da vida.

Não tendo encontrado fundamento suficiente na bibliografia ainda incipiente sobre as variáveis em causa (género, idade e religião e interacção entre elas), considera-se este trabalho exploratório, constituindo um repto para futuras investigações.

Conclusão

Cientes das dificuldades na análise de conteúdo (cf. v. g. Bardin, 1995) (não usamos o programa informático NVIVO, dada a sua complexidade e validade dúbia) e, por outro lado, tratando-se de uma amostra razoavelmente grande, podemos dar-nos por satisfeitos por ter identificado algumas categorias e subcategorias nas três respostas, embora muitas vezes houvesse repetições.

Mais importante do que tentar compreender em que consiste a coragem e as atitudes/acções que a caracterizam, é saber por que razão as pessoas (hoje) são mais ou menos corajosas, no sentido de poder potenciar esta grande virtude, necessária para o indivíduo e para a sociedade.

Atendendo ao questionário com respostas forçadas, não fica claro quem se manifesta mais corajoso, se os homens ou as mulheres: os jovens votam predominantemente no sexo masculino, mas os adultos e idosos tendem mais para o sexo feminino. Tal discrepância também se verifica por idade, votando os jovens neles mesmos e nos adultos e muito pouco nos idosos, enquanto na amostra dos adultos e dos anciãos há mais equilíbrio, embora os adultos sejam considerados mais corajosos. Finalmente, no que concerne à variável religião, todos os três grupos consideram que a coragem se relaciona mais com a religião. Pode pensar-se que, à medida que avança o cepticismo e o ateísmo, as pessoas se tornam menos corajosas?

A partir destes dados poder-se-ia tentar esboçar um programa em ordem a uma intervenção pedagógica no sentido de potenciar este valor que anda tão arreado dos educadores, políticos, magistrados e outros responsáveis pela coisa pública, além de ser também necessário na vida de cada indivíduo que tem de arrostar tantas vezes com graves obstáculos para não sucumbir. Esta *pedagogia da coragem* deve passar, como sempre, pelo exemplo dos mais responsáveis e pelo exercício prático e progressivo desta virtude tão difícil quanto necessária.

Referências bibliográficas

- Bardin, L. (1995). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, J. (2009). Coragem: um tópico importante mas complexo. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13, 259-267.
- Barros, J. (2010). *Psicologia Positiva - Uma nova psicologia*. Porto: LivPsic.
- Becker, S. e Eagly, A. (2004). The heroism of women and men. *American Psychologist*, 59, 163-178.
- Comte-Sponville, A. (2006). *Petit Traité des Grandes Vertus*. Paris: PUF.
- Eagly, A. e Becker, S. (2005). Comparing the heroism of women and men. *American Psychologist*, 60, 343-344.
- Lopez, S. (Ed) (2008). *Positive Psychology: Exploring the best in people*. Westport, CT: Praeger Publishers.
- Lopez, S. e Snyder, C. (Eds) (2003). *Positive Psychology Assessment: A handbook of models and measures*. Washington: American Psychological Association.
- Martens, J. (2005). Definitions and omissions of heroism. *American Psychologist*, 60, 342-343.
- Meirieu, Ph. (1996). *La pédagogie entre le dire et le faire (Le courage des commencements)* (2ª ed.). Paris: ESF.
- O'Byrne, K., Lopez, S. e Petersen, S. (2000). *Building a theory of courage: A precursor to change?*. Comunicação apresentada na 108ª Convenção Anual da APA, Washington.
- Osho (2004). *Le courage - La joie de vivre dangereusement*. Paris: Ed. Jouvence.
- Peterson, C. e Seligman, M. (2004). *Character strengths and virtues: A handbook and classification*. Washington: APA.
- Putman, D. (1997). Psychological courage. *Philosophy, Psychiatry and Psychology*, 4, 1-11.
- Rachman, S. (1984). Fear and courage. *Behavior Therapy*, 15, 109-120.
- Snyder, C. e Lopez, S. (Eds) (2002). *Handbook of Positive Psychology*. New York: Oxford University Press.
- Snyder, C. e Lopez, S. (2007). *Positive Psychology (The scientific and practical explorations of human strengths)*. Thousand Oaks, CAL.: Sage Publications.
- Sparks, E. e Baumeister, R. (2008). If bad is stronger than good, why focus on human strength? In S. Lopez (Ed) (2008), *Positive Psychology: Exploring the best in people* (vol. 1, pp. 55-79). Westport, CT: Praeger Publishers.

Abstract

Courage is a construct that must be included within the field of Positive Psychology. After a brief literature review, results of an empirical work with 427 subjects (162 juveniles, 150 adults, 115 elderly). The content analysis of the questions allowed the identification of categories and subcategories of the three questions: concept of courage, attitudes/courageous actions, reasons for the lack of courage. Furthermore, the results of the three closed questions about those most courageous: men or women, youngsters, adults or elderly, religious people or non-religious. Answers do not allow definitive conclusions concerning gender and age, but indicate religious people as being more courageous. It is concluded that more education/promotion of this value/virtue is important both at personal and community level.

KEY-WORDS: *Courage; Positive Psychology; Content Analysis*

Résumé

C'est un vocable qui doit être inclut dans la psychologie positive. Après une allusion à la littérature, on présente un compte rendu d'un travail sur le terrain auprès d'un échantillon total de 427 sujets (162 jeunes, 150 adultes, 115 personnes âgées). Grâce à l'analyse de contenu, il a été possible d'identifier certaines catégories et sous-catégories sur les trois questions soulevées: le concept de courage, les attitudes/actions courageuses, les raisons du manque de courage. On rend compte encore du résultat de trois questions fermées questionnant sur qui est plus courageux: l'homme ou la femme, les jeunes, adultes ou les personnes âgées, les personnes religieuses ou non religieuses. Les réponses ne sont pas très concluantes en ce qui concerne le sexe et l'âge, mais considèrent les personnes religieuses plus courageuses. On conclut désirant une plus grande éducation/promotion de cette valeur/vertu, importante au niveau personnel et communautaire.

MOTS-CLÉ: *Courage; Psychologie Positive; analyse de contenu*